

**ESTUDO NETNOGRÁFICO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E COLABORAÇÃO EM
UMA COMUNIDADE DE ECONOMIA COLABORATIVA EM PORTO ALEGRE - RS**

CARLOS ROBERTO SANTOS VIEIRA
CENTRO SUPERIOR DE TECNOLOGIA TECBRASIL.

ELAINE DI DIEGO ANTUNES

ESTUDO NETNOGRÁFICO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E COLABORAÇÃO EM UMA COMUNIDADE DE ECONOMIA COLABORATIVA EM PORTO ALEGRE - RS

Introdução

Desde o surgimento dos modos contemporâneos de produção e acumulação de capital, a sociedade ocidental vem se transformando constantemente e um dos motivos para esta alteração permanente é o enfrentamento de suas próprias contradições. A estrutura de receitas e custos, a melhoria dos processos, a comunicação e as relações de trabalho (RT) estão extensivamente sendo estudadas na história da Administração e suas peculiaridades em cada época têm características que refletem, dentre outros fatores, o espírito do seu tempo. Enquanto no século XIX, leis trabalhistas e registros contábeis eram ainda impensados, na contemporaneidade a virtualização dos dados, o rearranjo dos vínculos legais de trabalho e o papel do humano na organização são temas constantes nos debates centrais dos meios acadêmico, social e empresarial.

Como uma das consequências desta nova organização do mercado de trabalho, agora caracterizado pelo aumento do desemprego e do recrudescimento da atividade informal, Ramalho e Silva (2016) descrevem o surgimento de novas formas de geração de renda, como por exemplo a “empresa de si mesmo”, a “cenepejotização” de algumas atividades (como a de professor) e novas formas econômicas como o trabalho compartilhado e mediado por aplicativos (Uber) e as Economias Colaborativas (EC), esta última foco de análise deste artigo. Estas novas formas de trabalho, que por um lado se apresentam mais livres do ponto de vista de regras corporativas, por outro, são desprovidas de qualquer proteção trabalhista e podem se apresentar como enfrentamentos dos trabalhadores à situação de desemprego que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atinge 12,4% da população brasileira em fevereiro de 2019.¹

Na busca de produzir mais um elemento neste debate, o presente trabalho tem o objetivo de compreender de que forma os participantes desta iniciativa, denominada Economia Colaborativa, entendem suas relações com o trabalho e a própria colaboração, por meio da análise cultural das manifestações mediadas por computador de uma comunidade colaborativa de Porto Alegre – RS. A questão problema deste trabalho é povoada por questionamentos metodológicos e principalmente teóricos, que relacionam trabalho, cultura e colaboração como meio de geração de renda e propulsor de relações de trabalho. A colaboração, esta forma *sui generis* de trabalho, constrói crenças, pensamentos e artefatos que estão expostos nas próximas páginas deste primeiro exercício netnográfico. De forma mais clara, a pergunta que guia este artigo tem relação com “o que” e “como” os trabalhadores colaborativos entendem a sua própria atividade laboral. Quais são as representações que estes trabalhadores elaboram a partir do seu próprio discurso?

Diversas podem ser as justificativas deste estudo, passando pela necessidade de qualificar as definições teóricas de RT, visto que a diversidade de olhares, aliada à utilização sinonímica do termo, tem contribuído para a complexidade na abordagem sobre o assunto (BARBOZA *et al.*, 2017). Além disso, novos métodos de pesquisa, como a netnografia, mais adiante explorada, podem contribuir para aumentar o repertório das formas de abordar as RT e as novas realidades contemporâneas.

¹ Fonte: <https://ibge.gov.br/>. Acesso maio 2019

Ao termino da leitura deste estudo, o leitor encontrará não uma categorização ou uma indicação de novas teorias de RT e sim uma compreensão subjetiva a partir de minha observação do campo, perpassada, naturalmente, pelo estudo teórico. Os cadernos de campo, apesar de serem eletrônicos, não me impediram de buscar uma visão da cultura desta comunidade que se comunica virtualmente, mas que elabora farto repertório de crenças e artefatos que tipificam um modo único de ser, viver e principalmente trabalhar em uma comunidade colaborativa.

Este artigo inicia com a fundamentação teórica, seguida do percurso metodológico, resultados de pesquisa de uma netnografia e se encerra com as considerações sobre uma possível relação entre a colaboração e as novas formas de acumulação de capital.

Revisão Teórica: Cultura e Relações do Trabalho

Esta seção fará uma breve revisão teórica sobre alguns conceitos de cultura e um arrazoado possível a respeito de Relações de Trabalho. Desta forma, o leitor poderá identificar os constructos escolhidos particularmente para este artigo, dentre as inúmeras possibilidades de compreender estes conceitos nos estudos em Administração, mais particularmente no campo de Gestão de Pessoas.

As origens dos estudos de culturas advêm da expansão europeia do século XVII. A busca de novos mercados foi a força propulsora das expedições que marcaram a história da humanidade e trouxeram à tona a construção dos primeiros conceitos de estranhamento cultural no ocidente. Para buscar este conceito de cultura cabe, em função das dimensões do assunto e da limitação do presente estudo, referenciar as ideias dos primeiros e mais clássicos etnógrafos como Geertz (2008). O autor afirma que o conceito de cultura está alinhado ao pensamento de Max Weber, quando dizia que a cultura é uma teia de significados e suas análises, ou seja, um movimento afastado dos métodos experimentais positivos e aproximado do interpretativismo. Com este conceito sedimentado na sua teoria, Geertz (2008) diz que a etnografia é uma prática que estabelece relações, seleciona informantes, transcreve textos, levanta genealogias, mapeia campos e cria diários, dentre outras atividades que visam interpretar as culturas. Em um de seus trabalhos mais conhecidos, “Um Jogo Absorvente: notas sobre a Briga de Galos Balinesa”, ao final do texto o autor adverte que as brigas de galo, os rituais religiosos e as segregações sociais construídas por aquele povo, não explicam totalmente as práticas de viver da população estudada. “A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daquele a quem eles pertencem” (GEERTZ, 2008, p. 176).

Nos estudos aqui referidos, o conceito de cultura apresenta diversos recortes, como pesquisas sobre a cultura popular, indígenas, circuitos, cartografias, sociabilidade, etc. Uma destas abordagens específicas é cultura do trabalho e que utiliza o método etnográfico como escolha. Eckert e Rocha (2015) organizaram um estudo que contempla diversos olhares sobre o trabalho por meio da compilação de um conjunto de etnografias que elegem o tempo e a organização da cidade como substrato de discussão. Nesta obra, as autoras, após uma consistente historiografia da urbanização e industrialização brasileira, afirmam que atualmente a heterogeneidade e desigualdade são elementos constitutivos da paisagem urbana, as quais remetem a experiências de movimentos sociais que se articulam para a formação de carência coletiva. Estes tempos idiossincráticos fazem emergir novas modalidades de trabalho com a mesma velocidade e sofisticções da informalidade. Este cenário, segundo as autoras, nos leva a um quadro globalizado neoliberal de reestruturação produtiva, desregulamentação e precarização social. Esta realidade posta pode ser um desdobramento do capitalismo financeiro e suas

consequências na flexibilização e na desregulamentação do mundo trabalho, radicalizadas depois da década de 90.

As novas formas de organizações econômicas com as Economias Criativas, Solidárias e, no caso específico deste estudo, as Economias Colaborativas surgem da necessidade de enfrentamento das novas formas que o capitalismo vem desenvolvendo para se manter como principal elemento organizador da sociedade ocidental. As ideias de Boltanski e Chiapello (2009) podem nos dar os caminhos necessários a esta compreensão.

Por capitalismo, os autores atribuem uma centralidade ao papel dos diretores de empresas, executivos, gerentes e funcionários em ascensão na compreensão do conceito. Estes atores sociais e administrativos apresentam contumazes justificações para seus atos, cuja eficácia é fundamental para o bom funcionamento da acumulação desenfreada do capital. Na outra dimensão, o trabalho assalariado dá base a todo este sistema e é conduzido por aqueles que não são detentores dos meios de produção e tiram rendimento de sua força de trabalho, independente do contrato que mantenham com um capitalista ou consigo mesmo, no caso do empreendedorismo, por exemplo.

Este “espírito do capitalismo”, segundo os autores, advém da obra de Max Weber ao dizer que deve haver um motivo moral muito forte para que um indivíduo, não detentor dos meios de produção, se engaje neste sistema. Para ele, preceitos religiosos, principalmente protestantes, elevaram o trabalho a um valor social, sendo considerado uma ação do sujeito capazes de torná-lo alguém digno e valoroso para a sociedade. Por isso, sua luta por diariamente fazer o seu dever. Para Boltanski e Chiapello (2009), este “espírito” é justamente o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com elas. Em outras palavras, a justificativa para o lucro legitima atos administrativos que colocam o ser humano em um patamar de simples engrenagem do sistema que precisa funcionar, sob pena de colapso de toda a sociedade e de seu modo competitivo de viver. Inclusive, esta acumulação é solicitada e desejada pelo consumidor (fonte do lucro) que sempre opta por preços mais baixos e serviços de melhor qualidade.

Desde os primórdios do trabalho na sociedade, como os estudos brasileiros sobre este assunto, a Antropologia Social vinha se focando na tensão entre classes e interpretação das formas de viver e trabalhar do operariado. Mas já nos últimos anos, as mudanças no capitalismo e no mundo do trabalho vêm produzindo consequências sociais impossíveis de serem ignoradas. Fenômenos de mercado, mercantilização e financeirização passam também a reforçar a necessidade de novas abordagens de pesquisa. Na contemporaneidade, quando o capitalismo se mostra sob aparências revigoradas, as alterações na ordem econômica e social levaram os pesquisadores a procurar desconstruir e dessubstanciar categorias tão carregadas de significados como as de “classe trabalhadora” por meio da análise da sua construção social, histórica e intelectual, dando-se importância também à análise dos mediadores associados àquelas classes (LOPES, 2013).

De certa forma, o trabalho pode ser visto, assim, de forma mais ampla, desde as fronteiras da informalidade urbana até novas formas de profissionalização de atividades anteriormente vistas como de “lazer”. Toda a diversidade de aspectos de processos sociais envolvendo o trabalho, das transformações do trabalho familiar camponês, artesanal, do mineiro ou do pequeno comércio, até o trabalho industrial entram no campo de interesse de tal agrupamento temático. Novos focos de análise, como as relações entre família e trabalho, podem se constituir um outro eixo de reunião de resultados de pesquisa, assim como a relação com o “lazer”, que vai desde o trabalho subsidiário, ou a bricolagem e o trabalho doméstico, até atividades religiosas, esportivas ou de cultura popular. Esta ampliação deve abarcar não só as relações clássicas de trabalho formal, mas também as novas formas de relação entre o trabalho e a geração de renda e organização dos trabalhadores (LOPES, 2013). O empreendedorismo, a criatividade, as cooperativas e a

colaboração são alguns exemplos, destas novas formas organizacionais, que podem se constituir um enfrentamento às mudanças no mundo do trabalho em decorrência das alterações da ordem capitalista.

Relações de Trabalho

Em nome de alguns esclarecimentos teóricos, o trabalho aqui tratado dialoga com as teorias de relações de trabalho cujo conceito é dinâmico e tem relação com o momento político, ideológico e social de cada sociedade. No Brasil, um conceito fundamental de RT é o de Fischer (1987), que para além da denúncia do antagonismo estrutural entre as classes sociais, pode se constituir (as RTS) na forma específica de interação entre agentes sociais que ocupam papéis opostos e complementares no processo de produção econômica.

No entanto, com a evolução das relações entre capital e trabalho, as mais recentes configurações da tecnologia (uberização, por exemplo) e das relações sociais, outros autores, como Santos e Helal (2016) propõem um olhar das RT com uma lente relacional, buscando mostrar que é a interação entre os agentes o elemento que constitui as RT. Esta interação acontece de forma pouco ou nada estruturada, através da coexistência de elementos modernos e tradicionais. Segundo as autoras, as RT são reflexos da realidade de cada época e advêm do real, mesmo que conservem aspectos que dizem respeito à história do trabalho.

Como resultado destas novas RT, mesmo sem grandes avanços nas soluções dos problemas de precarização (STANDING, 2013), os trabalhadores têm se unido e usado a coletividade para buscar mais qualidade no exercício de suas ocupações na direção de criar um ambiente de trabalho mais justo na economia do compartilhamento. Esta busca de novos modelos de trabalho pode ser denominada Economias Criativas, Solidárias, *Gig Economy* e EC. Tais economias são fundamentadas em relações baseadas no colaboracionismo.

Entende-se, conceitualmente, colaboracionismo como uma atitude coletiva e organizada de compartilhamento do conhecimento, experimentação de outras formas de relação com o contexto, otimização de espaços e, principalmente, espírito relacional entre as pessoas que convivem e trabalham em espaços colaborativos (VIEIRA; ANTUNES, 2018). Em outras palavras, colaborar é uma característica das novas economias; ademais, as quais são caracterizadas pela falta de contrato, desestruturação da decisão, docilidade, comunicação calorosa e modo de organizar híbrido em sua forma de trabalho (MEIRA; COSTA; ICAZA, 2016).

Para compreender esta nova forma econômica e de geração de RT, este artigo partirá do conceito de Cavedon (2008) ao dizer que cultura é uma forma própria de um determinado grupo simbolizar suas crenças, atitudes e artefatos. No presente estudo, a etnografia, aqui apresentada através de um exercício netnográfico, será entendida e praticada como um método que consiste no levantamento de dados sobre uma determinada comunidade com a finalidade de melhor conhecer o estilo de vida ou sua cultura específica. Além disso, a etnografia, ou a grafia antropológica, ao mesmo tempo escuta e dialoga com as pessoas que possuem a experiências das novas formas de trabalho emergentes na contemporaneidade, o que permite avaliar as complexas discursividades e instituições que dinamizam o sistema produtivo no contexto local (ECKERT; ROCHA, 2015). Sendo assim, está direcionado para apresentação da etapa exploratória - um primeiro exercício netnográfico - de um estudo mais amplo que no futuro se constituirá de uma etnografia.

Percurso Metodológico

Os métodos de pesquisas em Ciências Sociais, em especial em Administração, têm recebido atenção especial de diversos teóricos ao longo tempo e, principalmente, nos últimos anos em função das mudanças das relações humanas e do avanço da tecnologia. Este atual cenário complexo tem dado origem a novos métodos de pesquisa que permitem avançar na exploração de diferentes campos empíricos, visando alcançar às diversas realidades sociais e culturais humanas. Um exemplo desta busca metodológica é a netnografia, cujo teoria e prática surgiram com a imposição do mundo virtual (MESQUITA *et al.*, 2018). Perante a realidade da tecnologia, os grupos formados neste ambiente podem apresentar crenças, hábitos, pensamentos e modos de ser próprios, diferentes daqueles que se relacionam somente de forma física (ou real). Estas duas dimensões, *off* e *on line*, podem ser vividas paralelamente ou um *continuum* da mesma realidade. Segundo Novelli (2010), dentre as comunidades ou os grupos que um pesquisador viria a estudar, poderiam se destacar os puramente virtuais, ou seja, que são socialmente criadas no ambiente virtual ou uma complementariedade entre a observação mediada por tecnologia e os relacionamentos no mundo real. Este trabalho buscará explorar a cultura da dimensão *on line* de um grupo social de Economia Colaborativa (EC) de Porto Alegre. Não obstante, o fato de que este estudo abordará prioritariamente as relações virtuais dos participantes do grupo foco, também fará parte das análises aqui propostas algumas das vivências presenciais deste mesmo grupo de pessoas captadas por meio de entrevistas em profundidade.

Realizar uma netnografia é diferente de desenvolver uma etnografia como a conhecemos. Segundo Kozinetz (2002, p. 82):

A principal diferença entra a netnografia e sua precursora, a etnografia, seria que a primeira parte da observação do discurso textual no contexto online, e a identidade do informante nesse contexto é duvidosa; enquanto que a etnografia foca no discurso e no comportamento observado durante a etnografia face a face, na qual as pessoas buscam apresentar uma autoimagem mais cuidadosamente cultivada e controlada. Assim, a etnografia estaria mais próxima, devido ao encontro face a face, da interação, e da observação de comportamentos, de uma autoimagem, e de uma identidade, mais autêntica.

A partir destas definições, o caminho metodológico foi o de busca da compreensão e dos sentidos dos fenômenos sociais, ou seja, interpretar esses fenômenos e não simplesmente constatar sua existência, em oposição à visão mecanicista e prescritiva dos métodos positivos (VICTORIA *et al.*, 2000).

Alinhado a esta visão, a netnografia é incluída nos métodos de epistemologia interpretativista e que utilizam a observação participante, dentre outras técnicas como as entrevistas e grupos focais, mas que ainda exigem estudos mais aprofundados e uma maior reflexão teórica sobre seu campo de atuação, o que não é um problema em si, e sim mais uma possibilidade de pesquisa aberta e com forte apelo ao pesquisador curioso e atento aos novos fenômenos sociais.

Em termos de avanço metodológico, a netnografia está inserida nos conceitos de totalidade dos espaços digitais de Castells (1999). Segundo o autor, o que se vê é o desenvolvimento de novas formas de interação social baseadas nos dispositivos móveis de comunicação que extrapolam os tradicionais espaços de lugar criando espaços comunicacionais, espaços de fluxo e que monopolizam grande parte das relações entre as pessoas e são instrumentos também de trabalho.

Nesta linha de pensamento, de exploração mais ampla das comunidades, *on* e *off line*, os netnógrafos precisam incorporar a internet e seus aparatos nas pesquisas para entender adequadamente a vida social na sociedade contemporânea (NOVELLI, 2010). Este entendimento passa basicamente por cinco diferentes fases, seguidas e descritas no

texto a seguir, que são: (1) *entrée*, (2) coleta de dados, (3) análise e interpretação, (4) ética de pesquisa e (5) validação com os membros pesquisados (*member checks*) (NOVELLI, 2010).

Numa primeira visita, ao entrar em uma comunidade colaborativa em Porto Alegre eu percebi deste a entrada no prédio de três andares, cuja construção data do meio do século passado, um ambiente de espírito coletivo e acolhedor. Havia água, frutas disponíveis e locais sempre povoados de pessoas trabalhando. A arquitetura do lugar, revelada também nas redes sociais do empreendimento, auxiliava nesta percepção de coletivo, visto que um pátio interno até hoje liga todas as janelas a todas as portas. As pessoas que ali trabalhavam se enxergavam e podiam saber o que estava acontecendo. Situação muito diferente dos departamentos, das plantas arquitetônicas, das salas individuais e as “bairas” das empresas de caráter privado, do governo e iniciativas de diversos setores já mimetizadas pelo fenômeno da “gaiola de ferro” advinda da ideia da burocracia de Max Weber.

Este posicionamento colaborativo é citado como prática e forma de vida na comunidade em análise neste trabalho. Esta iniciativa promove diversos eventos de EC, incluindo espaço *coworking*, atividades culturais e principalmente eventos artísticos voltados à comunidade. Segundo site da comunidade, o empreendimento é uma associação sem fins lucrativos, existente desde 2013 e formalizada em 2014. É a entidade responsável pela programação cultural do espaço e pela articulação junto ao poder público, à iniciativa privada e à sociedade em prol dos interesses da comunidade artística e criativa =, buscando promover a integração com a comunidade do entorno.

Desde sua criação em 2013, a comunidade colaborativa é um local permanente de trabalho individual e coletivo de artistas, arquitetos, consultores e outros que têm ali sua “residência”. A história desta comunidade tem relação direta com uma estratégia dos proprietários para reabilitar um imóvel construído nos anos 1920, num bairro industrial de Porto Alegre, que sofreu aguda degradação. A comunidade colaborativa possui uma família proprietária está na origem da organização e seus integrantes atuam na gestão do espaço que foi, em boa medida, motivada pelo problema orçamentário – de manter um imóvel de valor histórico –, combinado com a decisão, possivelmente antieconômica, de não aderir aos padrões típicos da expansão imobiliária da região (MEIRA; COSTA; ICAZA, 2016).

O início do exercício de compreensão das relações do trabalho estabelecidas nesta comunidade, começou quando da minha primeira visita ao empreendimento no ano de 2015 e que gerou os primeiros registros de cadernos de campo. Este trabalho utilizou o caderno de campo eletrônico, que segundo Brazão (2011) foi construído para satisfazer aspectos ligados ao registro imediato dos dados durante o tempo em que o investigador se encontra no terreno e à reunião do maior número de dados possível no mesmo suporte eletrônico.

Ainda em 2015, iniciei o registro eletrônico das visitas ao campo que aconteciam semanalmente até o final do ano em questão. No ano de 2016 até 2017, o relacionamento com a comunidade e seu entorno se deu basicamente pelo acompanhamento da *newsletter* do site e nas redes sociais. Em 2018 e 2019 fui incluído no sistema de mensagens eletrônicas da comunidade. Esta forma mais intensa de participação me permitiu realizar perguntas e intervenções que complementarizavam as entrevistas em profundidade e demais intervenções, como participações em eventos internos da comunidade colaborativa, por exemplo.

A partir desta coleta de dados, fase também orientada por Novelle (2010) com o segundo momento do processo de elaboração de uma netnografia, implicou em armazenar diretamente os dados da *homepage* ou do site da comunidade e a observação das interações e dos sentidos atribuídos pela comunidade e seus membros. Estes dados ainda podem consistir de notas de campo do pesquisador sobre as experiências de campo,

combinados com artefatos da cultura da comunidade como fotografias e obras de arte. Cadernos de campo eletrônico, diferentemente dos cadernos etnográficos clássicos, cobertos de anotações, desenhos, são registros eletrônicos, também muito pessoais, mas que obedecem às restrições e possibilidades da informática.

A minha coleta de dados é composta de aproximadamente 60 *newsletters* enviadas pela comunidade, fotografias autorais, mensagens instantâneas arquivadas e o histórico do site. Todo este material eletrônico foi analisado e fez parte da análise apresentada na próxima seção. Esta análise diferentemente de uma pesquisa de análise de conteúdo ou outro tipo de abordagem qualitativa, não buscará por categorias de análise como uma prática de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto caracterizados por diferenciação. A busca neste trabalho foi por uma interpretação subjetiva das crenças, costumes, artefatos, pensamentos, modos de ser e agir e demais manifestações que caracterizem, a partir da minha observação e ação, a cultura dos colaborativos a respeito do que chamam de trabalho e suas relações.

Análise dos Resultados da Netnografia numa Comunidade Colaborativa

A partir da análise cultural do trabalho nos cadernos de campo eletrônico que estão sendo elaborados por mim desde o início da pesquisa e de entrevistas em profundidade realizadas, é possível identificar algumas crenças e hábitos da comunidade colaborativa observada que merecem atenção e se constituem as possíveis contribuições e avanços do presente artigo.

De início, é importante destacar uma das minhas primeiras anotações do caderno de campo eletrônico, que também foram confirmadas nos contatos reais com os membros da comunidade: **a comunicação não violenta, e mais, a docilidade** no tom e na escolha das palavras, gestos e símbolos cibernéticos de comunicação (emojis).

Comunicação é parte integrante, vital e constituinte do mundo do trabalho e de suas relações. A Administração, e até mesmo em uma iniciativa de uma Antropologia da Comunicação na qual vem sendo estudada a mídias e suas representações (TRAVANCAS, 2008), trata o fenômeno humano de tornar comum atos e ideias com basilares nas relações sociais e, por conseguinte, nas RT.

Sais e Bergue (2010) descrevem a comunicação nas organizações como uma confluência de redes formais e informais de relacionamento pessoal e a organização deste fluxo para o atingimento dos chamados objetivos organizacionais. Ao falar em comunicação, os autores também citam constructos ligados à cultura organizacional, flexibilidade, inovação, integração, criatividade e, chamando a atenção para o foco deste trabalho, competitividade. Este último conceito vem de encontro aos que os membros da comunidade colaborativa têm como valor explícito: a cooperação. Ao invés de competir entre os próprios atores da organização, como é caso das empresas, públicas, privadas e de terceiro setor, que se referem a esta competição como “alma do negócio”, os colaborativos buscam uma relação sempre referida como “diferente”. No site da comunidade colaborativa, que passarei a chamar de CoLab, em algumas situações daqui por diante, existe a seguinte auto definição:

O CoLab é uma iniciativa privada voltada à sociedade e que trabalha em prol dos interesses da comunidade artística e criativa, buscando promover a integração com a comunidade do entorno.

Pra se tornar real, este discurso de trabalhar em prol de interesses comunitários e da integração com a comunidade, precisa inverter os valores de competitividade e exclusão daqueles que não são potenciais clientes e geradores de lucros, como é a lógica dinâmica do capital, mesmo em sua fase mais tardia de desenvolvimento. Esta integração,

entre comunidade e membros do CoLab, pode ser confirmada em notícia publicada nas redes sociais da comunidade a respeito do lançamento de um filme. O texto diz o seguinte:

Autonomia, independência e liberdade criativa são os princípios que guiam o trabalho da dupla Couple of Things. O casal de filmmakers viaja o mundo produzindo videoclipes de forma colaborativa. A Diana e o Leo vêm ao CoLab nessa quinta-feira para falar sobre as vivências que tiveram ao fazer da economia criativa seu modelo de vida. Não perde!

Outro exemplo é este convite para uma reunião:

É importante refletir sobre como queremos a moda no futuro e o que podemos fazer para contribuir hoje. Por isso, o Moda Muda Mundo promove um encontro nessa quinta-feira para discutir soluções sustentáveis para os resíduos da moda. A conversa é das 14h às 17h e aceita contribuição espontânea. Vamos pensar juntos?

O tempo todo, nas redes sociais e demais mídias do CoLab, pude notar na comunicação um traço de docilidade nas palavras e o uso de imagens que também podem se caracterizar com um hábito desenvolvido, aprendido e reproduzido nas ações cotidianas dos membros da comunidade colaborativa. Chamo de docilidade a forma gentil, calorosa e amigável na utilização de palavras e expressões durante as comunicações realizadas.

Nas trocas de mensagens instantâneas, os cadernos de campo mostram um exemplo bem típico. Em uma determinada situação, um dos integrantes não pode abrir o café que mantém junto ao CoLab. O acolhimento a esta falta ao “trabalho” (se é que os membros da comunidade entendem esta atividade como trabalho) foi debatido entre os demais participantes de forma muito tranquila e aprazível. A mensagem e suas respostas são as seguintes:

V1 - Queridos, parece que a nuvem preta não quer sair da minha cabeça! Hoje, por motivos de infecção alimentar (comi um temaki na Temaqueria XYZ ‘adaptação do texto’ ontem, não comam lá) o CAFÉ IRÁ ABRIR ÀS 14h. Conto com a compreensão queridos!

V2 - Melhoras Vanessa 🍷

V3 - puxa Van!! melhoras ❤️

V1 - Tá roots a coisa. Obrigada!

V4 - Melhoras! Te cuida! 🤔

Neste exemplo, quero expressar e tornar mais clara a interpretação que, diferentemente de outras organizações, na qual a pontualidade e assiduidade são regras basilares e inclusive item de avaliação pessoal e organizacional (ver *turnover* e *absenteísmo* em Gestão de Pessoas), diferentemente nesta comunidade, além de a falta ser acolhida e respeitada pelos colaboracionistas (membros da CoLab), também as trocas de palavras e símbolos de carinho e afeição são uma constante quando estes estão trabalhando. Desta forma, é possível depreender que uma nova relação com horários, subordinação, frequência e demais obrigações do trabalho formal e mesmo de iniciativas não formais como o trabalho voluntário, informal e o empreendedorismo, é compartilhada pelos membros da comunidade como uma prática cotidiana e que faz parte das relações de trabalho destas pessoas.

Nos registros eletrônicos de campo, ao contrário, a comunicação entre os colaboracionistas, pelo menos aparentemente, vem se dando de forma diversa às

estruturas formais e algumas informais de trabalho e das relações hoje identificada na literatura. No lugar da violência, da falta de cuidado e do assédio, o discurso entre os membros da comunidade pesquisada dá lugar aos traços de não violência, aqui também entendida como docilidade. Sendo assim, como uma possível forma de relação de trabalho desenvolvida pelos colaboracionistas, a comunicação não violenta e docilidade são traços característicos e que advêm das crenças coletivas de ajuda mútua e poder descentralizado, compartilhadas pelos colaboracionistas.

Esta forma não violenta de entender a colaboração e viver as relações de trabalho podem ser comunicadas diretamente com outra característica apontada nos cadernos de campo e que dialoga diretamente com as teorias organizacionais: **o enfrentamento aos desafios da gestão**. As comunidades colaborativas não são “bolhas”, nem “ilhas” do mundo contemporâneo. As questões relacionadas diretamente à gestão fazem parte da preocupação dos que pretendem ter nesta forma laboral sua expressão pessoal e condição de obtenção de renda. Como exemplos destas questões pode-se citar a organização dos processos, o Marketing, as questões financeiras e os resultados que sustentam minimamente a sobrevivência física destas novas formas de trabalho e relacionamento.

Desde sua criação, o CoLab passou por reformas, preparação e ocupação do espaço pelos empreendedores coletivos. A abertura ao público aconteceu no dia 11 de dezembro de 2012 e, a partir daí as questões administrativas começaram a fazer parte do cotidiano do CoLab. As primeiras anotações virtuais de campo dão conta de uma comunicação menos desenvolvida em sua origem e sem maiores processos ou cuidados com leiaute ou estética. Em entrevistas em profundidade realizadas, que complementam a observação das redes sociais e publicações eletrônicas, os atuais gestores da comunidade descrevem o desenvolvimento deste processo, que hoje se encontra praticamente profissionalizado, em substituição às decisões coletivas do início. Segundo um dos gestores: “o próprio pessoal pedia alguém que decidisse, não dava para fazer tudo no coletivo” (Administrador 1 - Anotação do caderno de campo).

Desta forma, hoje é possível identificar no site do CoLab a organização quase burocrática que a comunidade decidiu implementar em 2015, quando estruturou um escritório central de gestão. Neste local é praticado um modo de organizar “híbrido”, cujas diferenças são reconhecidas e valorizadas, em especial, a individualidade na proposição e compartilhamento de ideias com o coletivo (MEIRA; COSTA; ICAZA, 2016).

Foi importante observar que um dos administradores dos grupos de mensagens eletrônicas é membro da família fundadora e é também a pessoa que responde pelas decisões mais estratégicas, incluindo pessoas, novos negócios e organização de eventos. Neste momento, é importante ressaltar que os eventos abertos à comunidade são um ponto muito forte do CoLab. Como por exemplo, as festas juninas e natalinas costumam reunir um número expressivo de visitantes de toda a cidade que buscam conhecer e desfrutar de uma série de atividades abertas como gastronomia, teatro, dança e música. A seguir, uma foto retirada do site do CoLab quando da apresentação de uma banda folclórica em agosto de 2017. Pode-se ver um número significativo de pessoas ao redor da apresentação musical realizada no pátio interno conforme figura 3.

Figura 1 - Apresentação de banda folclórica



Fonte: Site CoLab (Acesso janeiro de 2019)

Este aumento da atuação da comunidade colaborativa trouxe uma série de novos enfrentamentos a partir da adoção de novos colaboracionistas, novas estruturas de atendimento social e comunitário e, principalmente, pedidos dos próprios colaboracionistas para que houvesse um núcleo de decisão. Segundo mensagens eletrônicas trocadas pelos participantes da comunidade, há indícios de perguntas sobre a organização de horários, eventos e perguntas diversas que denotaram a necessidade de criação de uma estrutura administrativa.

Dos cadernos eletrônicos de campo: “Bah...precisamos decidir se o portão vai ficar aberto ou não no sábado, é difícil reunir todo mundo para decidir isso. Quem sabe a (nome de um dos participantes) pode ver isso para nós? Assim fica mais fácil.

Este centro de gestão é formado por decisores e órgãos de controle, como financeiro, secretárias e registros formais e aqui é entendido como resultado do aumento da complexidade e da acumulação de processos advindas da transformação da comunidade colaborativa em ecossistema de produção. No caso da comunidade em questão, pelos registros eletrônicos, é possível perceber o surgimento desta organização interna. Na página da comunidade está expressa a estrutura de formas sub-reptícias como espaços especiais para comunicação com o CoLab, *newsletter*, quem somos nós, e convites para reunião de organização, etc.

Figura 2 - Convite para Reunião



Fonte: Aplicativo de mensagens internas do grupo do CoLab

Esta iniciativa tem relação com o planejamento da comunidade. O objetivo, segundo o convite, seria basicamente convidar os colaboracionistas a conversar sobre como construir o futuro a partir das premissas do presente.

Todo este movimento de planejar, executar, gerenciar e controlar exige muito esforço e dedicação de todos os membros da comunidade, que mesmo com outras formas

de simbolizar o “trabalho” como conhecemos, exige investimentos e escolhas de todos. Este, talvez, seja uma maneira de compreender a colaboração pelos próprios colaboracionistas, ou seja, que ao inverter a lógica do modo-de-ser-trabalho dominado pela natureza e o próprio homem. Segundo Martins (2009), em trabalhos antropológicos sobre uma busca holística de cuidar do ser e a busca de sentido no trabalho, o modo-de-ser-cuidado possibilita uma relação diversa com a natureza e com o outro. Este modo de ser não despreza a razão analítica exploratória nem o trabalho, mas dá a esses um sentido mais autêntico à construção da harmonia do ser humano na sua relação com o semelhante, com o mundo e manutenção da harmonia com os outros. É uma relação de interdependência e de colaboração mútua. O trabalho não é feito de forma fria e exploratório da natureza e das próprias energias dos trabalhadores.

Como última análise feita aqui, cabe destacar também as formas de relacionamento entre os membros das comunidades colaborativas e como eles próprios se relacionam com a colaboração. Desde as formas de fala pessoal até os registros no site do CoLab, focado principalmente pelas mensagens instantâneas, é possível identificar a forma acolhedora e receptiva que cada palavra é escolhida para lidar com o outro, mesmo não fazendo formalmente parte dos membros da comunidade.

Esta crença no carinho, na delicadeza e, como já foi dito, na docilidade, faz parte do cotidiano desta comunidade e sugere ser o amálgama e elemento de coesão cultural das pessoas que fazem o CoLab. É este código comum que pode explicar o que os colaboracionistas entendem por colaboração e como relacionam com ela. Em diversas passagens dos cadernos de campo é possível identificar expressões sempre muito próximas, semanticamente falando, ao respeito, à docilidade e, conseqüentemente, à colaboração.

Esta forma de relacionamento se nota nas mensagens automáticas trocadas entre os colaboracionistas em inúmeras ocasiões. A seguir são reproduzidos alguns exemplos. mas é preciso destacar que, em quase a totalidade das comunicações, a camaradagem e delicadeza estão presentes nos termos, ícones e expressões utilizadas. Dos cadernos de campo eletrônicos, uma das iniciativas do CoLab relata no site da comunidade:

Entre os aprendizados do ano, a certeza de que nadar contra a corrente nos leva cada dia mais para onde queremos estar. Foram muitos obstáculos que esse 2018 nos impôs, mas que só reafirmaram o caminho que queremos seguir. Porque todos as barreiras foram contornadas pela **confiança, o respeito e a colaboração** que insistimos em acreditar possível. E foi amadurecendo essa nossa crença, dia após dia, parceria após **parceria**, que fincamos o pé naquilo que sempre foi nosso propósito: **a transformação do mundo**. Devemos esse processo profundo de aprendizado e novas certezas aos parceiros, que compartilharam com a gente essa nossa visão de mundo, e à nossa rotina inquieta, que permitiu que nossos processos e relações estejam sempre em construção. Porque mudar o mundo exige que estejamos sempre **abertos a pessoas e ideias**. Obrigada a todos pelo 2018 que vocês nos presentearam. Que 2019 seja ainda mais especial.

As palavras destacadas em negrito no texto anterior sugerem que os princípios de camaradagem, ação coletivo e docilidade confirmam a percepção que esta é a forma de entender a colaboração e as relações de trabalho neste empreendimento comunitário. Na minha percepção, se não fosse assim, haveria algo fora do lugar. Não seria “O CoLab” e sim outra iniciativa que não se enquadraria nas práticas da Economia Colaborativa.

Considerações Finais

De forma geral, nesta netnografia houve um primeiro exercício de busca de compreensão e análise de como uma comunidade de Economia Colaborativa de Porto Alegre lida com as questões de trabalho e quais são suas crenças e modos de viver cujas características e regras sub-reptícias mantêm a identidade do grupo. Com a lente teórica escolhida e o trabalho de campo realizado, o objetivo principal deste artigo, que foi compreender de que forma os componentes de uma comunidade colaborativa em Porto Alegre entendem suas relações com o trabalho e a própria colaboração foi atingido. Isto por que as relações de trabalho (LIEDKE, 2002) identificadas nas mensagens eletrônicas analisadas apontam para uma forma não violenta de interação entre os colaboracionistas, assim como os enfrentamentos à complexificação do empreendimento também molda a forma com estas relações se dão, ora expandindo para a centralização, ora retroagindo para uma forma mais comunitária de gestão. Também a maneira com que os colaboracionistas entendem seu próprio trabalho foi revelada na medida que estes prescindem de “docilidades”, camaradagens e muita interação para se considerarem trabalhadores de uma Economia Colaborativa.

Do ponto de vista metodológico, os avanços da netnografia podem servir de inspiração para diversas novas comunidades, com mais variados perfis, sejam pesquisadas na área de Administração, mais especificamente em Gestão de Pessoas. Nesse sentido, Castells (1999) entende que os equipamentos de comunicação pessoal se tornaram a totalidade das relações interpessoais no contemporâneo contexto social. O impacto destas novas mídias no cotidiano das organizações está revolucionando o mundo do trabalho a olhos vistos, porém esta revolução ainda precisa de aprofundamentos teóricos e metodológicos que a expliquem e assim, a tornem, acessíveis à compreensão e interpretação mais densa da realidade vivida.

Há muitas outras formas de se observar culturalmente este fenômeno. Os estudos dos registros eletrônicos expressos pela comunidade foram muito eloquente e mais rico (em quantidade de interações) que em uma etnografia clássica, permitindo investigar as formas de se comunicar, a crescente criação, destruição e reconstrução de estruturas administrativas convencionais para fazer frente aos desafios da relação com a realidade imposta e alteridade na relação com o outro. Estes fatores, a meu ver, podem auxiliar a compreender as RT entre os colaboracionistas e sua própria concepção de colaboração, em especial nesta comunidade em Porto Alegre.

Nesta netnografia, muitas destas relações com o trabalho e com a colaboração foram encontradas e me chamaram à atenção como pesquisador. Algumas destas questões dizem respeito a natureza “em construção”. Na busca de um diálogo teórico entre os conceitos escolhidos para este artigo e os achados no campo eletrônico, LIEDKE (2006) pode auxiliar, ao dizer que as relações de trabalho envolvem o conjunto de arranjos institucionais e informais que modelam e transformam as relações sociais de produção nos locais de trabalho. Esta definição, se afasta em alguns termos das relações formais entre empregados, empregadores e Estado (FISCHER, 1987) e amplia a abordagem teórica para as particularidades sociais e locais de cada forma de trabalho. Assim, podem ser explicados os fenômenos da colaboração, que não incluem contratos formais de trabalho e estão inseridos no contexto brasileiro de desemprego e de policrises.

Estes novos olhares podem ser desvelados a partir de estudos inovadores, com base em diversos métodos de pesquisa e outras referências teóricas. Sugere-se, por fim, que tais estudos precisam ser realizados em nome do avanço teórico e da compreensão cultural de uma nova organização social e econômica emergente, mas que ainda não foi entendida enquanto fenômeno contemporâneo das relações sociais.

Referências

- BARBOZA, Silvio de Freitas *et al.* **Relações De Trabalho: Uma Revisão Da Literatura No Período De 2005 A 2016.** Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Curitiba – PR. 2018
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRAZÃO, P. **O diário Etnográfico Electrónico, um instrumento de Investigação: Três Testemunhos,** in Fino, C. (org). *Etnografia da Educação* (pp.303-323). Funchal:CIE-UMa. 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVEDON, N. R. **O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional: implicações positivas e negativas.** In: Encontro Nacional De Programas De Pós-Graduação Em Administração. Foz do Iguaçu. Anpad, 1999.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da (org.). *Etnografias do Trabalho Narrativas do Tempo.* Porto Alegre – RS. Marcavvisual. 2015
- FISCHER, R. M. **"Pondo os pingos nos ís" sobre as relações de trabalho e políticas de administração de recursos humanos.** In: FLEURY, M. T. L., FISCHER, R. M. **Processo e relações do trabalho no Brasil.** São Paulo: Atlas, 1987.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014.
- LIEDKE, E. R. Trabalho. In A. D. Cattani & L. Holzmann (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia.** Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2006.
- LOPES, José Sergio Leite. **O trabalho visto pela Antropologia Social.** Revista Ciências do Trabalho Volume 1 - Número 1. 2013.
- MARTINS, Alexandre Andrade - **Antropologia integral e holística: cuidar do ser e a busca de sentido.** Bioethikos. Vol. 3, nº 1, p. 87-99. 2009.
- MEIRA, Fabio Bittencourt; COSTA Pedro de Almeida; ICAZA, Ana Mercedes Sarria. **Quando O Velho E O Novo Se Encontram: Espaços Urbanos E Novas Formas De Organização.** In. **Participação, conflitos e intervenções urbanas: contribuições ao Habitat III /** organizadores Vanessa Marx e Marco Aurélio Costa. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2016.
- MESQUITA, Rafael Fernandes de et al. **Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia.** *Perspect. ciênc. inf.,* Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 134-153, junho, 2018.
- RAMALHO, Francisco Rodolfo Xavier; SILVA, Jeová Torres. **A emergência do compartilhamento: o futuro da sociedade é colaborativo?** *Revista NAU Social,* Salvador, v.7, n.12, 31-36, 2016.
- SANTOS, Elisabeth Cavalcante; HELAL, Diogo Henrique. **Relações de Trabalho e Práticas: Aproximações Teóricas.** In: IX Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Belo Horizonte/MG: 2016.
- STANDING, Guy. **O Precariado – A Nova Classe Perigosa.** São Paulo. Editora Autêntica. 2013.
- TRAVANCAS, Isabel. **Por uma antropologia da comunicação: a construção de um campo e suas pesquisas.** *Revista Ilha.* Volume 10. Nº 2. 2008.
- VICTORIA, Ceres Gomes et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde. Uma introdução ao tema.** Porto Alegre. Tomo Editorial. 2000.
- VIEIRA, Carlos Roberto Santos; ANTUNES, Elaine Di Diego. **O trabalho nas Economias Colaborativas: a precarização e o discurso da Glamourização.** V Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Curitiba-PR – Brasil. 2018.